

METAFÍSICA
DA SOMBRA

Cidadela da Educação

Antenor Antônio

METAFÍSICA DA SOMBRA

Cidadela da Educação

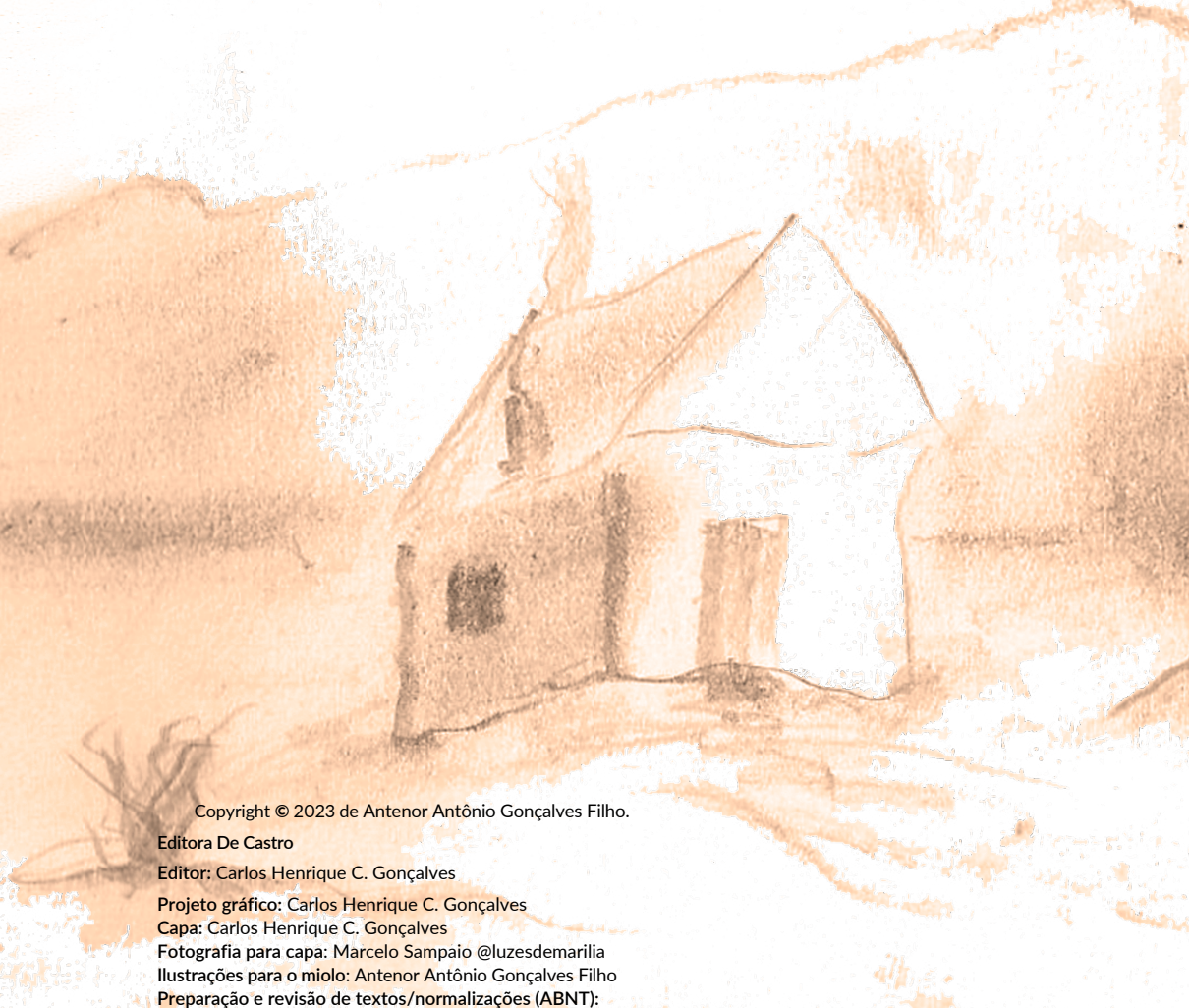
1ª Edição

São Carlos / SP



Editora De Castro

2023



Copyright © 2023 de Antenor Antônio Gonçalves Filho.

Editora De Castro

Editor: Carlos Henrique C. Gonçalves

Projeto gráfico: Carlos Henrique C. Gonçalves

Capa: Carlos Henrique C. Gonçalves

Fotografia para capa: Marcelo Sampaio @luzesdemarilia

Ilustrações para o miolo: Antenor Antônio Gonçalves Filho

Preparação e revisão de textos/normalizações (ABNT):

Camila Carvalho Mendes Decarli / camila.mendes@ufscar.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Lumos Assessoria Editorial
Bibliotecária: Priscila Pena Machado CRB-7/6971

A635 Antônio, Antenor.

Metafísica da sombra : cidadela da educação / Antenor
Antônio. — 1. ed. — São Carlos : De Castro, 2023.
164 p. ; 23 cm.

Inclui bibliografia.
ISBN 978-65-6036-040-2

1. Educação - Finalidades e objetivos. 2. Professores -
Formação. 3. Prática de ensino. I. Título.

CDD23: 370.1

*Todos os direitos desta edição foram reservados a Antenor Antônio Gonçalves Filho.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui
violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610/1998).*

Editora De Castro

contato@editoradecastro.com.br
editoradecastro.com.br



É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.

Carlos Drummond de Andrade

SUMÁRIO

LIVRO I	9
INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I		
Ecologia	17
CAPÍTULO II		
A Filosofia e a Educação	25
CAPÍTULO III		
Programa: o poder das artes no ensino	39
CAPÍTULO IV		
A poesia na Cidadela da Educação	49
CAPÍTULO V		
Da Língua Portuguesa	71
CAPÍTULO VI		
A Matemática na cidadela	105
LIVRO II	121
CAPÍTULO VII		
Alguns mosaicos da Cidadela da Educação	123
REFERÊNCIAS	159
SOBRE O AUTOR	163



LIVRO I

INTRODUÇÃO

A fim de compor minha metafísica da sombra, me enveredo para a imagem que me persegue há tempos: uma *Cidadela da Educação*, um formato indicado por ex-ministro da Educação, de saudosa memória, Anísio Teixeira – sob a sigla “Escola Parque” –, e, neste caso, eu procurei – nas asas de uma utopia – alimentar a expectativa de que por ela posso dar meus recados, permanecer como frestas de janelas voltadas ao infinito de nossas vidas – a Educação.

Minha cidadela é, preferencialmente, dedicada à casa da alta cultura da Educação, especialmente à Língua Portuguesa e à Matemática: dois eixos fundamentais para o desenvolvimento da ciência da Educação. Visam-se à atualização e ao aprofundamento desses dois programas fundamentais de ensino – Língua Portuguesa e Matemática –, novas formas a fim de agilizar a performance do professor, torná-lo um profissional munido de avançadas bases teóricas, capaz de liderar e divulgar novos avanços desses programas – fundamental para o estudo e as práticas das ciências humanas, físicas e biológicas.

Nessa cidadela, a ideia é fundada numa metáfora: "A fim de pensar a realidade, é importante pensar o impossível".

Proponho apenas dois programas de ensino para comandar a *Cidadela da Educação*: a Língua Portuguesa e a Matemática. Isso porque os dois comandos é que nos sustentam, o primeiro, porque, para me comunicar com o mundo, necessito falar, escrever; o segundo é o que nos introduz no mundo das medidas – pontes, casas, caminhos, tempo, dinheiro... São programas de ensino umbilicais, porque a língua nos identifica com o mundo, ajuda-nos em nossa autoestima como cidadão, a matemática é fundamentalmente a base da medida, do bom senso – de toda ciência.

Na introdução da *Cidadela da Educação*, abordo, para dar suporte aos dois grandes programas – Língua Portuguesa e Matemática –, quatro programas de iniciação de ensino e/ou de cultura: a ecologia, a filosofia, a música e a poesia, e, como complemento, a questão dos afetos (amor), que deve permear todo assunto que envolva interação na educação do homem; e a questão prática da área administrativa, é fundamental que tenhamos um diretor educador facilitando e animando o ambiente da Cidadela. Tudo isso por uma razão muito simples: educar é sensibilizar as pessoas. Fala-se tanto em ajudar nossos filhos a romper com o ciclo da barbárie eletrônica, das bebidas, dos tóxicos. Por que não ensinar poesia e cantar na nossa língua uma canção de Chico Buarque a fim de dominar o valor humano da palavra? Por que não lutar pela universalização das artes como antídoto para superar nossos desvios culturais

na loucura? Um menino que aprende a pintar, a conhecer um Portinari; outro que domina uma pauta musical e que aprende a apreciar um cânone da música como Beethoven, Bach; aquele que apreende princípios da filosofia como fundamento da razão explícita na luta contra preconceitos; aquele, enfim, que é levado a ver o mundo – nossa mãe Terra –, pedindo socorro, se envolvendo com estudos ecológicos etc. Creio que teríamos uma geografia educacional humanizando o mundo ao cultivar esperanças, formando zeladores da coisa pública, estadistas para nos proteger da barbárie.

A Cidadela deve contar com uma Tenda de Psicologia de Educação voltada especialmente para professores do voluntariado e pais de alunos. E não exigiria grandes recursos materiais a implantação de uma *Cidadela da Educação*. O que exigiria é a mobilização da cidade para reunir num espaço o que a cidade já tem, inclusive por meio da iniciativa privada. Uma política voltada para o ensino e a educação da cidade; poderia começar com a criação de um parque ecológico e nele atrair, por meio da iniciativa privada, todos os programas-suportes baseados nas artes apontadas acima.

Um administrador da *Cidadela da Educação* deverá ser mantido pela Secretaria da Cultura, enquanto os programas-chaves – Língua Portuguesa e Matemática – devem ser ministrados por profissionais convocados no interior da universidade nos moldes de “prestação de serviço à comunidade” (sem custos financeiros para a Cidadela). Alunos da rede pública ameaçados entre aqueles que mais se destacariam nos programas acima devem ser os usuários acolhidos pela Cidadela. E a clientela das artes deve ser acolhida preferencialmente entre alunos da rede pública e outros, quando possível, da rede particular.

Os profissionais que atuam no setor das artes entram na categoria de voluntários por convite da Cidadela. Não é necessário exclusivamente que exista o certificado para que o poeta ensine poesia, que o pianista ensine música, o pintor ensine arte plástica, que o ecologista tenha certificado de biólogo para ensinar, mas que todos tenham familiaridade com o ambiente cultural e trabalhem em projetos de meio ambiente, tenham experiência qualificada e reconhecida na prática.

Nota: se a Cidadela, sobretudo nas artes, não puder preencher todos os programas objetivados, deve contar com a presença de educadores da rede pública uma vez constatada excelência em uma das artes selecionadas.

A cidadela será a Casa do Professor, onde ele se recolhe para, além de se atualizar no domínio do seu programa de ensino, se tornar um líder promotor de conhecimento atualizado junto a seus pares. E como a sua ativida-

de terá como suporte o envolvimento extensivo das artes, fica consagrada a ideia: a tarefa fundamental da educação é a sensibilização do ser humano.

Não temos apenas de estar em dia com o que se sabe, temos que saber por que se sabe e como se sabe. Temos, pois, para ser mestres, de saber muito mais do que sabem os que sabem.

Anísio Teixeira

A Cidadela da Educação: desenvolvendo

Este é um livro que tem como base de comando a Educação e a poesia, na esteira da inspiração do poeta Fernando Pessoa: “Um dia de chuva é tão belo como um dia de sol / ambos existem / cada um como é”. Educação e poesia também existem cada uma como é, mas ambas, com licença do poeta, se filtram no mesmo olhar, ao dar ao autor, que sou eu, a oportunidade de, viajando sobre seus ombros, rondar o olhar sobre temas profundamente marcados na vida de cada um de nós – educação e poesia.

A fundação de um ambiente especial para a Educação, que sinalizo como *Cidadela da Educação*, precedida como pano de fundo com a legenda *Metafísica da Sombra*, me levou a pensar, como uma metáfora, que a mais bela obra plástica de Rembrandt tem como pano de fundo sombras intensas a fim de ressaltar a luz de um rosto humano. Na mesma trajetória, um estudo sobre a educação está manchado por muitas sombras que nos dificultam ingressar no universo cheio de cipós da educação. Isso me remete a pensar que as antigas cidadelas construídas em torno do castelo do rei – cujo valor simbólico é a procura de proteção dos donos do poder – me dão um gancho para pensar que a minha cidadela da educação nasce na sombra por se tratar, de pronto, de uma utopia. A utopia do educador cuja função eu exerci um dia e hoje, no exílio de uma aposentadoria burocrática, se gaba de poeta e filósofo com o firme propósito de, antes da outra aposentaria fatal, dar alguns recados. A *Cidadela da Educação*, apresentada para acolher esses recados, sugere as condições para continuar uma fala sobre a educação apoiada na própria fala da poesia. Tenho o reconhecimento de que a utopia não foi feita a priori para ser realizada, mas para elaborar ideias, rumos, valores implícitos presentes em nosso imaginário e sonhos, no processo histórico de civilização do homem. Alguém já disse: é preciso que o homem contemple catedrais com o propósito de construir pelo menos choupanas. As estrelas se situam muito longe de nossos olhos, mas são elas que servem de guias para o andarilho se orientar na noite escura.

Certa vez, tive uma sensação estranha quando, pelas ruas da Grande São Paulo, via escolas rodeadas de muros altos, em torno delas um trânsito

barulhento, uma cidade de cimento armado (pouco amado), mais a poluição, e ficava pensando “será que nesses guetos modernos” pode ocorrer educação? Fala-se tanto hoje em violência nas escolas públicas... A meu ver, trata-se de uma revolta silenciosa, um recado dado pelos seus usuários que sobrevivem no interior de uma escola que só serve para entortar alunos e formar cidadãos corcundas. A violência nas escolas é mais um novo nome que se agrega à crise da educação de nosso tempo. É importante saber que crise é sinônimo de vida, é o grito abafado de uma escola falida, refém de um autoritarismo do saber para nada, mas que tem uma função: manter os que administram a educação em sua zona de conforto, como os reis protegidos em seus castelos e longe das cidadelas, alheios ao que realmente se passa na escola. Essas “autoridades” divulgam planos muitas vezes não compatíveis com a realidade e com suas metas inviáveis a cumprir, mas que servem de biombo para alívio da consciência dos responsáveis pela “boa educação”. Não podemos, no entanto, exagerar que não exista escola de qualidade em São Paulo, houve até experiência bem-sucedida na chamada escola vocacional, cujo ensino era baseado no princípio fundamental de liberdade de escolha do aluno dentre as disciplinas colocadas à sua disposição. Infelizmente, essa escola não vingou. O motivo talvez tenha sido que o “mercado vocacional” não atendeu à demanda de professores habilitados para tal fim. Talvez uma de ordem psicológica: a donzela não encontrou marido por ser vocacionada para a liberdade...

No início de a *Cidadela da Educação*, presto uma referência especial – feito memória de fogo – à Filosofia. Foi com ela que tudo começou como exercício da razão humana, livre das amarras do mito, como pergunta e registro escrito da apropriação do conhecimento do mundo. Segundo o imaginário (crença) mítico de Platão, conhecer é cuidar com muito zelo de nossa alma (como hoje devemos cuidar com crítica e zelo do que aprendemos) porque ela, por ser eterna, lembraria para mim os conhecimentos nela preservados. Platão construía (em termos formais) uma narrativa em que a alma, por ter habitado o “céu das ideias” e vindo morar num corpo humano, ela, ao ser bem cuidada com zelo pelo próprio corpo, revelaria ao homem o conhecimento da verdade necessário para sua vida na pólis. Essa passagem de Platão hoje é descartada por nós. Mas não é o método criado por Platão, o método dialético, fundado numa discussão sem fim, na busca da verdade, expresso pelo seu mestre Sócrates. A dialética propunha uma discussão de trocas de opinião sem termo de chegada, um caminho de disputa da procura da ideia verdadeira, aquela sobre a qual não paira nenhuma dúvida. A lição deixada por Platão é que a filosofia é uma atividade do pensamento, um exercício sem tréguas para o domínio desse conhecimento, um conhecimento, por ser caminho, é sempre busca a fim de romper preconceitos – crenças sem fundamento, ideologias consequentes da ignorância dos homens.

Os *Diálogos de Platão* se situam, como registro, na mesma linha histórica das pirâmides no Egito, da *Ilíada* de Homero, os monumentos gregos, a Bíblia Sagrada judaica, monumentos perenes de nossa civilização – fontes de debate e inspiração.

Sinalizo a importância de um local de encontro (tenda) para o exercício do riso, momento em que os usuários da Cidadela se apresentam para contar histórias engraçadas, narrativas cômicas de grande simbologia cultural – lições de vida. Há autores consagrados como o jornalista Millôr Fernandes, cuja obra pode servir de base de motivação para, não só homenagear um autor comprometido com a realidade histórica do país, mas reforçar a importância da sensibilização humana como processo educativo, como pedia Jean-Jacques Rousseau. O riso é o melhor remédio, diz a fala popular, serve, às vezes, até para a cura de doenças e do mau humor que o impede da saudável prática da autocrítica facilitadora da filosofia e do entendimento da vida.

Tal qual um professor de didática, coloco na prateleira da razão, e na minha escola da utopia, uma casa da música, poderia até, como homenagem a um compositor brasileiro, chamar-se “Casa Tom Jobim” ou “Pixinguinha”, ou Vila Lobos, ou Chico Buarque de Holanda, ou um nome à escolha do usuário da casa. O importante é que essa casa se situe na entrada da Cidadela da Utopia. E aí vem o espanto: aqui tem educação? Claro que tem, meninos e meninas, é pela sensibilização suscitada pela arte musical que o homem encontra um meio de se libertar do animal perverso que esconde dentro de si e se apresenta à sociedade em seu perfil humanizado. Há cinco mil anos, o filósofo chinês Confúcio reverberava a importância da música na introdução da educação. Por qual motivo nos esquecemos disso? Será por causa das guerras, das pancadarias musicais eletrônicas da sociedade industrial, quando, segundo Marx, o capitalismo celebra suas orgias, aliena nossa vontade e entope de cera nossos ouvidos? Insisto que o indicativo das artes, de um modo geral, ao priorizar o ensino da música, da poesia, é porque se trata da arte das emoções que verdadeiramente nos movem ao sensibilizar o homem, facilitá-lo ao conhecimento de suas escolhas reais necessárias para o domínio de uma matemática, da língua, da história etc.

No meio desse panorama de enfoques culturais, chamo a atenção especial aos estudos da Ecologia – sobre a nossa Mãe-Terra –, de onde corremos o risco de sermos expulsos face às agressões sofridas pela incúria humana gerando um ambiente degradado com a poluição do ar, da água dos rios transformados em depósitos de lixo, a destruição pelo fogo de nossas florestas. E, como consequência de tudo, a ausência de políticas públicas ligadas diretamente ao meio ambiente, como se nossos gestores fossem atingidos na cabeça por esse vírus pandêmico que os transforma em servís atores de mentiras, paralisados por interesses particulares, feito

um domínio familiar presente numa república transformada em monarquia e onde habitam nossos verdugos.

É sombrio demais o drama de nossa Mãe-Terra (*Geia*). A única tarefa urgente é investir maciçamente na formação da nova geração, transformando a escola em seu reduto primordial de conhecimento da terra, suas formas de resistência, de luta contra os invasores da vida. “Eu preciso respirar”, dizia um negro americano assassinado brutalmente pelo representante de poderes ilegítimos. Quando visitamos a casa de alguém, encontramos às vezes um jardim. É preciso urgentemente ensinar nossos jovens a cuidar do jardim de sua casa, de sua escola, e mesmo do jardim da praça de sua cidade, cuidar da limpeza de sua sala de aula (extensão de casa). É um modo eficaz de transformar o estudo de Ecologia para além da teoria, criar um hábito de cultura, vivenciar uma práxis ecológica.

Na *Cidadela da Educação*, voltada exclusivamente para os educadores (volto a falar mais adiante), não há disciplinas, mas programas – organizados a partir de conteúdos auferidos por especialistas de cada programa aprovado pelo professor, e oferecidos antes para sua implantação a uma avaliação crítica sobre a supervisão de assistentes escolares da *Cidadela da Educação*, pais de alunos e os próprios alunos.